

Fig.12



arredondada e maior do padrão da árvore, que parecia querer desenvolver-se de uma maneira diferente das outras manchas que se recortavam e que se diluíam mais. Na fig.11 reparei como as manchas iam desenhando formas um pouco alongadas dando a ideia que queriam evaporar-se no espaço; marquei então uma zona onde algumas manchas se recusavam a desenvolver-se dessa maneira e adotavam formas mais definidas e arredondadas. Nestas duas imagens, escolhi os territórios sem órgãos, de acordo com aqueles que persistiam em desenvolver-se de uma maneira diferente das suas áreas vizinhas. Ou seja, denotando um padrão recorrente na região da imagem, aqueles que fogem a este, querendo impor um outro sistema de crescimento, foram marcados como os tais bairros-favelas rizomáticos. Na fig.12 a área detetada não exhibe estas características de diferenciação mas, a meu ver, parece quase como um território adjacente às áreas que o rodeiam. Aqui não foi a forma visual da região que me interessou mas sim a sua geografia. Afinal de contas, estes “corpos sem órgãos” não estavam só condicionados pelas suas diferenças, mas também pela sua posição geográfica e pela maneira como se distribuíam no mapa.

Leblon – Dois Irmãos

Posteriormente a esta “investigação fictícia” sobre a ação dos temporais no Rio de Janeiro e o modo de organização da sua terra, o próximo vector ao qual pretendia debruçar-me era a natureza do comportamento do céu carioca. Um dos “céus” mais famosos da capital fluminense localiza-se na área do Arpoador, situada na costa da zona sul. Procurando compreender as cores, silhuetas e movimentação das nuvens sob o sol carioca, capturei fotograficamente várias imagens durante as tardes de Março e Abril. A altura do dia onde conseguia obter mais resultados era quando se aproximava o começo do pôr-do-sol, que surgia por volta das 17 horas e continuava até anoitecer (19, 20 horas, dependendo do mês). Embora o sol não fosse agora o meu objeto de estudo, ele participava nesta performance de movimentação das nuvens que iam sempre mudando de cor, que se deslocavam mais rapidamente neste momento do dia e iam compondo variadíssimos cenários consoante a hora do entardecer. A exploração deste novo elemento (“ar”) parecia-me deveras interessante, para compreender como este se introduziria na natureza dos dois elementos anteriormente explorados, e como iria interferir na relação entre estes.

O lugar que mais interessante se revelou para o desempenho desta observação foi a praia do Leblon: entre os postos 11 e 12, fixados nesta orla que percorria toda a avenida Delfim Moreira, encontrava-se o lugar ideal para se ter uma panorâmica de um céu que cobria a areia e o mar e se estendia até ao Morro Dois Irmãos (fig.13). Este vulto montanhoso acolhia na sua frente a favela do Vidigal, por onde as nuvens se escondiam, e pareciam deslocar-se até à Rocinha, que se recolhia por trás do grande morro. É curioso comparar as realidades que rodeiam o Dois Irmãos com a do bairro onde eu me sentava para realizar o meu estudo. O estatuto deste bairro é o mais alto da capital fluminense onde se localizam edifícios modernos que representam o metro quadrado mais caro do país. A urbanização do bairro segue os padrões do urbanismo clássico com ruas rectilíneas e quarteirões sistematizados; o estilo do bairro é extravagante, envolvendo prédios luxuosos e elegantes na sua decoração e fachadas; as ruas são arborizadas e espaçosas; um ambiente de *glamour* paira no ar, convencendo-nos que aquela realidade dos filmes e das super estrelas, que esteve sempre separada de nós por uma tela de cinema ou televisão, ou numa página de revista, afinal não era assim tão inatingível e existia ali perto da nossa realidade.

Numa das tardes chuvosas tive de me abrigar por baixo de um avançado de um hotel, e reparei que junto a mim estava uma família numerosa que notoriamente não se inseria dentro daquele cenário que a Delfim Moreira comportava. O comportamento e vestuário invocavam um outro território com outros códigos e normas. Possivelmente, reparando nesta situação, ainda estava influenciada pela pesquisa feita no estudo da terra (capítulo Jardim Botânico – “Corpo sem órgãos”), observando as diferenças entre as leis de cada território e o que estas representavam. Os morros que rodeavam o Dois Irmãos tinham um planeamento completamente distinto, as linhas ausentavam-se dando lugar a curvas disfuncionais. Referenciando novamente os termos usados por Deleuze, pode afirmar-se a minha visão deparou-se com uma estrutura totalmente rizomática, onde os corpos das estradas pareciam não ter “órgãos”. Consequentemente, aqui implantavam-se outras regras, outros modos de vida, outros conceitos de lugar e casa. Assim, todos os habitantes da cidade sabem que as regras do morro obedecem a princípios muito diferentes das do asfalto (principalmente de um asfalto tão abastado). Consequentemente, uma nova questão nasceu dentro deste processo de investigação: se a área terrestre é tão dividida e hierarquizada, como seriam então as regras do céu?

Voltando à minha observação a este último elemento climático, poderia verificar como ele se apresentava homogêneo, independentemente do terreno que sobrevoava. As divisões da atmosfera seguiam outras normas, deixando patente que o sistema naquele espaço funcionava de uma maneira bastante distintiva. De regresso ao NANO, esbocei alguns mapas que me auxiliariam a ficcionar uma sistematização, procurando encontrar limites entre as nuvens e o resto do espaço atmosférico, definindo assim as suas divisões, tal como fiz nos “mapas da terra”. Contudo, durante este procedimento, notei que não me parecia viável fraccionar estes dois elementos da mesma forma. Na minha observação, eu podia constatar como o céu se comportava de uma maneira dissemelhante, uma vez que as nuvens simplesmente seguiam desde os prédios mais altos e sofisticados da Avenida Delfim Moreira até desaparecerem pelos dois bicos do Morro Dois Irmãos. Tal trajetória não se influenciava em nenhuma das realidades existentes no terreno que sobrevoava, apenas respeitava o seu próprio itinerário. As cores das nuvens misturavam-se, criavam caminhos diferentes e iam mudando de figura consoante o tempo, esquecendo as regras hierárquicas do solo abaixo de si. O tempo era a própria lei do céu e era este que o transformava mas de maneira equivalente em todos os sítios que passava. O céu do Vidigal e da Rocinha eram a continuação do céu que começava no Leblon. Não havia limites quando este passava de um bairro para o outro. Na verdade, dentro do espaço atmosférico, era como se não houvesse distinção entre vários lugares, pois estes tornavam-se num só. Talvez, dentro do regulamento do sistema do céu, o Leblon e o Vidigal estavam inseridos dentro do mesmo espaço, dentro do mesmo bairro com as mesmas características, uma vez que quando chovia num, chovia no outro também, quando entardecia, o sol amarelava os bairros da mesma forma, quando se enublava, as nuvens pretas avistavam-se tanto num bairro como no outro. Enquanto a terra se repartia, o céu parecia formar um sistema único e na sua indiferença procurava alcançar a todos da mesma forma. A ditadura do céu não era influenciada pelos partidos da terra, e é a partir da sua estrutura homogênea que ela dita as regras diretamente para o solo, sem olhar para a sua hierarquia. Recuando algumas semanas no tempo, é muito provável que esta ideia já tenha sido formada na observação do temporal do dia 5 de Março. Este acontecimento criou um grande descarregamento de água repentino que inundou a cidade toda, criando consequências para o solo que teria de se adaptar a uma nova situação nos próximos tempos, pois esta descarga iria mudar